Aula 7

A HISTORIOGRAFIA SEGUNDO LUCIEN FEBVRE (1878-1956)

META

Caracterizar o pensamento historiográfico de Lucien Febvre.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
elencar e explicar os principais aspectos do pensamento historiográfico de Lucien Febvre.

INTRODUÇÃO

O assunto da aula de hoje é a ideia de historiografia formulada por Lucien Febvre.

O autor é francês, estudou na Escola Normal Superior. Graduou-se em história em 1902. Obteve o título de Doutor em 1912 na Sorbonne.

Foi professor na Faculdade de Letras de Dijon, de Estrasburgo e no Colégio de França (1933).

Entre 1914 e 1919 atuou, como militar, na Primeira Guerra Mundial.

Participou em "diversas missões de ensino" na Iuguslávia, na Áustria, na Inglaterra, na Turquia, na Itália, na Argentina, no Paraguai e no Brasil.

É um dos fundadores da Universidade de São Paulo.

Em 1929, juntamente com Marc Bloch (1886-1944), edita a revista Anais que dá origem à chamada Escola dos Anais.

Foi influenciado por geógrafos, psicólogos, lingüistas e sociólogos.

Foi um modernista, isto é, especialista no estudo da era moderna. (MOTA, Carlos Guilherme. Uma trajetória. In: FEBVRE, Lucien. história. São Paulo: Ática, 1978. p.7-28; REVEL, J. Lucien Febvre. In: BURGUIERE, André. Dicionário das Ciências Históricas. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p.324-327).

A Escola dos Anais, de que Febvre foi cofundador, constitui-se em uma das mais influentes correntes historiográficas do século 20.

No dizer de Peter Burke foi a "Revolução" Francesa da historiografia.

Febvre foi um dos principais formuladores da chamada "história das mentalidades".

O texto que tomei por base para explicitar a noção de historiografia esposada por Lucien Febvre é a sua "Aula Inaugural" no Colégio de França, instituição na qual o autor ingressou em 1933. É um texto programático e solene. Nele o autor traça um perfil da "velha história" e propõe um novo tipo de historiografia, aquilo que viria a ser chamado de Escola Analista. O retrato da velha historiografia é um tanto caricatural. O fito do autor é acentuar a novidade da proposta por ele apresentada. O texto é também, num certo sentido, um acerto de contas do ex aluno com os seus velhos professores. Febvre teve como orientador de tese um representante da "velha guarda" historiográfica, o decano dos positivistas Gabriel Monod (1844-1912), editor da Revista Histórica, órgão da escola.

PERFIL DA "VELHA" HISTÓRIA

FEBVRE inicia traçando um perfil do saber histórico na França no início do século 20 (1933). O autor acentua que, no plano institucional, a história era vitoriosa. A disciplina estava presente nos diversos patamares da instrução pública, gozava de um lugar de prestígio no aparelho educacional. Como vocês sabem, o século 19 foi chamado o "século da história" dado o valor atribuído à disciplina no decorrer daquela centúria. A França teve, no 19, historiadores de grande nomeado ou fama. Sinal disto é a admissão da história nos quadros no Colégio de França e em universidades de toda a Europa, nesse século.

Assim, no plano "temporal", ou seja, institucional, a história era vitoriosa. O mesmo não acontecia no plano "espiritual" ou epistemológico. Conforme o autor, o saber histórico da época padecia de muitos "defeitos", limites no aspecto teórico e metodológico. Reinava a chamada "história positivista". Tal vertente historiográfica tem no "evolucionismo" o seu referencial filosófico principal. Como vocês sabem, o evolucionismo sociológico aludido pelo autor tem como traço marcante a noção de que o processo histórico segue fatalmente etapas sucessivas progressivas, há uma ordem no devir histórico à qual obedecem todas as sociedades. Por sua natureza, tal concepção é altamente especulativa, para não dizer metafísica. Contra isso, argumenta o autor, os historiadores não têm grandes necessidades filosóficas. A filosofia, em seu entender, tira o historiador do solo seguro da empiria, do mundo das evidências.

a) Predileção pelas Fontes Escritas

A corrente positivista, diz Febvre, era marcada ainda por uma forte ligação com a escrita. A história, nessa visão, nascia com a invenção da escrita. Sem textos escritos não havia história. As sociedades sem escrita estavam "fora" da história. Era a escrita que inaugurava e possibilitava a emergência do saber Histórico. Do mesmo modo, sem textos - acreditava-se, não era possível escrever a historiografia. Vivia-se a "monomania" da escrita no plano da concepção hegemônica da história... Todavia – lembra o autor – livres das amarras das fontes escritas, na mesma época, desenvolviam-se a Pré-história, a História Econômica, a Geografia Humana e a História antiga. Tais setores usavam como suporte das pesquisas outros testemunhos que não os escritos. No plano geral, todavia, a história padecia de um cego textualismo erudito. Limitava-se ao texto como fonte de informação. Fonte histórica era sinônimo de documento escrito, ou documento oficial.

b) Visão objetivista do fato histórico

Quanto a concepção do objeto, continua o autor – os positivistas tinham uma noção pobre do fato histórico. Os fatos são unidades singulares ocorridas no tempo, são os acontecimentos. A tarefa do historiador é estabelecer e tratar de "fatos históricos". Os fatos são os tijolos de construção histórica. No contexto do positivismo, os fatos são concebidos como dados

e não como construção do pesquisador. Contra tal visão, o autor fala que os fatos são construídos pelo historiador por meio da recolha de indícios dispersos, as séries em lugar das unidades isoladas. Assim, por exemplo, em lugar de focar o "Grito do Ipiranga", a nova proposta focaliza o processo da independência. Em lugar do fato isolado, uma estrutura construída pela investigação. "Toda história é escolha". Para os analistas o fato é uma criatura do historiador; é obra do historiógrafo.

c) O anacronismo

Há ainda um outro "defeito" na visão positivista da história. Conforme Febvre, os positivistas deificavam o presente com a ajuda do passado. Dito de outro modo, caiam no anacronismo, projetando o presente no passado. Liam o passado com categorias do presente e, assim, distorciam o passado. Travestiam o passado com vestes do presente. Era o que se dava com a história da França. Configurava-se uma enganosa continuidade entre o presente e o passado. Era uma visão continuísta da história, uma história sem novidades radicais... O mesmo ocorre com a história do Brasil. A América portuguesa não é o Brasil atual. O autor afirma que os positivistas projetaram o presente inflamado nos séculos arrefecidos". É possível, no entanto, escapar do anacronismo? O que você acha?

ASPECTOS DA NOVA HISTÓRIA, OU A VISÃO ANALISTA DA HISTORIOGRAFIA

Prosseguindo sua exposição, o autor aborda os traços da "nova história". Em primeiro lugar, demarca o contexto de emergência deste "novo" modo de conceber a história.

O contexto de surgimento da história analista é um contexto de crise tanto social quanto epistemológica. No contexto social vivim-se os efeitos da Primeira Guerra Mundial. Perguntava-se pela utilidade e urgência da história.

No plano epistemológico, questionava-se a existência de leis históricas, o valor do formalismo matemático e o determinismo absoluto. Noutros termos, havia uma mutação na ideia de ciência. Lembrem as metamorfoses ocorridas na ciência no início do século 20...

a) visão da historiografia como ciência hermenêutica ou compreensiva

Em seguida, Febvre apresenta o perfil da Nova história: a concepção analista de história. No aspecto metodológico a nova história é definida como ciência humana e não como ciência dos fatos históricos. Pondo a história no rol das humanidades, ela rompe com a tradição que diz fazer da história uma ciência física, uma ciência natureza. É uma ruptura com o fisicalismo dominante. Febvre joga o saber histórico no campo hermenêutico. Pensa a história como interpretação (como compreensão) e não como explicação nomotética. Notem a distinção: explicação x compreensão. O autor diz, expressamente, a tarefa do historiador é encontrar os homens do

passado "para os interpretar". Podem-se ver, neste traço, ecos da influência historicista sofrida pelo autor.

b) Ampliação do Campo dos Fontes

Um outro dado da nova história é a inovação quanto às fontes. Contra o "textualismo" dos positivistas, o autor postula o alargamento da noção de fonte histórica: não somente os textos arquivistas devem ser considerados. É preciso incluir a literatura; é preciso incluir fontes como a iconografia, a paisagem, a língua. Etc. Tudo, agora, é, potencialmente, fonte história. É preciso ver neste combate à erudição textual do autor um conflito geracional e institucional. É a invenção de "novos objetos" pela pesquisa histórica: novas fontes, novos temas. "Tudo que o engenho dos homens pode inventar e combinar para suprir o silêncio dos textos, os estragos do esquecimento". E vocês: o que fazem para minorar os "estragos do esquecimento"?

c) Influência das ciências humanas

Outra inovação analista diz respeito a relação da historiografia com as demais ciências humanas. Nas palavras do autor, a história deve estabelecer "novas alianças", deve valer-se de noções e métodos oriundos das ciências humanas. Deve fecundar-se neste intercâmbio... É o caso, inicialmente, da geografia, da psicologia e da lingüista. Notem: uma nova história demanda novas categorias analíticas (conceitos) e novas tecnologias. Imaginem a história econômica sem os métodos da estatística ou a história das mentalidades sem os conceitos da psicologia etc. O autor advoga o fim das fronteiras epistemológicas entre a história e as outras ciências do homem.

d)Formulação da história-problema

Um outro traço característico da concepção analista de história é a substituição de uma história "automática" por uma "problemática". Em lugar de tomar a pesquisa como sendo a recolha dos fatos num certo recorte cronológico, os analistas postulam que a investigação deve partir de um conjunto de questões. Historiar é responder à indagações previamente formuladas. Pesquisar é formular questões e hipóteses e, por fim, inquirir as fontes. Assim, sendo, o historiador tem um papel de construtor e não é mero coletor de fatos isolados. "Elaborar um fato é construir" – diz o autor. As questões antecedem a pesquisa historiográfica.

e) Rejeição do Determinismo

No plano epistemológico – continua o autor – a "nova história" rompe com a visão nomotética dos positivistas. A história não é uma ciência de leis. Não há, na história, leis que obrigam a ação dos agentes históricos, há tendências. Há possibilidade e não determinismo. Rompendo com a visão nomotética da historiografia, o autor afasta-se tanto do marxismo quanto dos positivistas, teorias comprometidas com o determinismo. O autor advoga o pluralismo causal. Renega a ideia de uma chave-explicativa de todo o devir histórico, como fazem Karl Marx (1818-1883) e Auguste Comte (1798-1857). O autor entende os fatos históricos como produtos de muitas causas.

OBRAS DE LUCIEN FEBVRE

- *Filipe II e o Franco-Condado* - 1911;
- *A Terra e a Evolução Humana* – 1922
- *Um Destino, Matinho Lutero* – 1928
- *O Problema da Descrença no Século 16* – 1942
- *O Enigma do Cimbalum Mundi* – 1942
- *Em Torno do Heptameron* – 1944
- *Combates pela história* – 1953
- *No Coração Religioso do século 16* – 1957
- *Por uma história Integral* - 1962
- *História* – 1978
- *Honra e Pátria* – 1996

CONSULTAR SOBRE LUCIEN FEBVRE

DOSSE, François. **O Tempo de Marc Bloch e Lucien Febvre**. A história em Migalhas. Bauru (SP): EDUSC, 2003. p. 91-146.
HUGUES-WARRINGTON, Marnie. Lucian Fevbre. **Cinquenta Grandes Pensadores da história**. São Paulo: Contexto, 2002. P. 109-116.
MOTA, Carlos Guilherme. **Uma Trajetória**: Lucien Febvre. In: FEBVRE, Lucien. História. São Paulo: Ática, 1978. p. 7-28.
REVEL, J. Lucien Febvre. In : BURGUIERE, André. (org.). **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1993. p. 324-237.

TEXTO BÁSICO

FEBVRE, Lucien. **Exame de Consciência de uma História e de um Historiador**. Combates pela história. 2. ed. Lisboa: Presença, 1985. p. 15-27. (Primeira edição - 1953).

ATIVIDADES

1. Que paradoxo vive a historiografia na França em 1933?
2. No retrato feito por Febvre, que traços caracterizam a “velha” história?
3. No plano das fontes, qual a inovação proposta por Febvre?
4. Como o autor concebe o fato histórico?
5. O quê caracteriza a “história-problema”, formulada por Febvre?

CONCLUSÃO

Finalizando a aula, Fevbre menciona o caráter inacabado da nova proposta de história. Não é um “sistema”, fechado com o positivismo. É um “programa aberto”, em construção. Palavras proféticas do autor, pois a escola nunca se configurou enquanto sistema fechado ao longo da sua trajetória quase centenária.

RESUMO

Lucien Febvre, como acabamos de ver, foi um dos principais formuladores da chamada “história das mentalidades”. O autor traça um perfil caricatural da “velha história” e propõe um novo tipo de historiografia: a escola Analista. Afirma que a corrente positivista se limita ao texto como fonte de informação, ou seja, para os positivistas, fonte histórica era sinônimo de documento escrito, oficial. Diz ainda que, nesta corrente, historiar é estabelecer e tratar de “fatos históricos” como tijolos de construção. Um outro traço do positivismo, conforme Febvre, é o anacronismo que consiste em projetar o presente no passado. Febvre também apresenta sua concepção analista. A história é definida como ciência humana e não como ciência dos fatos históricos. Concebe a história como “interpretação” e não como “explicação”. Propõe novas fontes: literatura, iconografia, paisagem, língua, etc. Advoga o fim das fronteiras epistemológicas entre a história e as outras ciências do homem: “novas alianças” com a geografia, a psicologia e a linguística. Para o autor, historiar é problematizar. Pesquisar é formular questões e hipóteses e inquirir as fontes. Por fim, Febvre afirma que não há, na história, leis que obrigam a ação dos agentes históricos, há tendências. Os fatos históricos são como produtos de muitas causas.

REFERÊNCIAS

DOSSE, François. O Tempo de Marc Bloch e Lucien Febvre. **A história em Migalhas.** Bauru (SP): EDUSC, 2003. p. 91-146.

HUGUES-WARRINGTON, Marnie. Lucian Fevbre. **Cinquenta Grandes Pensadores da história.** São Paulo: Contexto, 2002. P. 109-116.

MOTA, Carlos Guilherme. Uma Trajetória: Lucien Febvre. In: FEBVRE, Lucien. **História.** São Paulo: Ática, 1978. p. 7-28.

REVEL, J. Lucien Febvre. In : BURGUIERE, André. (org.). **Dicionário das Ciências Históricas.** Rio de Janeiro: IMAGO, 1993. p. 324-237.